

Estudo da Seleção de Lugares para Marcas de Finalização

Renata Cezar de Moraes Rosa¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)
Rua do Lago, 717 - Butantã - São Paulo, SP - CEP: 05508-900 – Brasil

recmr@usp.br

Abstract. *This study aims to determine if there is a coincidence between what listeners listen as the final of sentences in long texts and the low tone of the last syllable. This check was done by perception tests of prosody. We used data proposed by the routine Exprosodia. The results show that the low tone of the final syllable is not the most important factor for the recognition of the endings of sentences.*

Resumo. *Este estudo visa determinar se há coincidência entre o que ouvintes julgam como final de frases em textos longos – a seleção de lugares para marcas de finalização - e o tom descendente da última sílaba. Esta verificação foi feita por meio de testes de percepção de prosódia. Utilizamos, para tanto, os dados de segmentação de frase propostos pela rotina Exprosodia. Os resultados mostram que o tom da última sílaba com tom grave nem sempre é um fator preponderante para o reconhecimento das terminações das frases.*

1. Introdução

A percepção dos procedimentos de segmentação frasal, com propósito de finalização, pressupõe que tanto o falante quanto o ouvinte tenham estabelecido um valor ou um procedimento fixo que caracterize a finalização da frase e que o reconheçam durante sua execução. Através de teste de percepção, buscamos verificamos se a seleção de lugares para as marcas de finalização – onde os ouvintes julgam ser o final de uma frase-coincide com o tom descendente da sílaba tônica ou da última sílaba, afinal, segundo Ferreira Netto (2006), há uma sequência finalizadora (tom médio dominante com finalização em um tom fundamental) para cada frase. Utilizaremos, para tanto, os dados de segmentação de frase propostos pela rotina Exprosodia [Ferreira Netto, 2006].

A rotina ExProsodia é uma ferramenta de análise automática da entoação e baseia-se na hipótese de que entoação do português brasileiro (PB) pode ser decomposta em 5 tons [Cagliari,1981]. Esses tons seriam estabelecidos como sendo 2 bandas acima ou abaixo do tom médio com uma escala de 3 semitons entre cada banda. A escala de 3 semitons foi defendida por t'Hart (1981) como sendo a variação tonal perceptivelmente relevante para os ouvintes do holandês.

A rotina também faz a decomposição das frequências em componentes estruturadoras (finalização, sustentação) e semântico-funcionais (foco/ênfase, acento lexical). A ExProsodia baseia-se na hipótese de que as variações de entoação, percebidas pelos ouvintes no nível frasal, decorrem da coordenação entre essas componentes. Essa interpretação da entoação como uma concatenação de características da onda sonora manipuladas independentemente umas das outras torna possível interpretar e manipular diretamente cada uma delas, de forma a obter variações de expressividade próprias da linguagem humana.

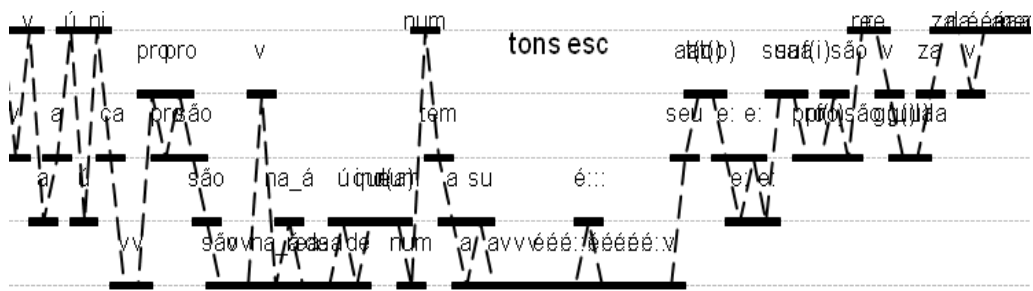


Figura 1. Ilustração da análise realizada pela rotina.

2. Metodologia e apresentação dos resultados

A fim de verificar a correlação entre o que os ouvintes consideram como final de frase em textos longos e os dados de análise prosódica propostos pela rotina Exprosodia, elaboramos um teste piloto no qual era apresentado um trecho de fala espontânea para que os ouvintes sinalizassem, na transcrição, quais pontos eles reconheciam como final de frase. Na transcrição apresentada, foram eliminadas repetições, palavras truncadas e marcações de pausa, hesitação ou alongamento. Os textos transcritos foram apresentados em papel, com letras maiúsculas sem qualquer sinal de pontuação. O teste piloto foi aplicado em 24 sujeitos de ambos os sexos, com idade entre 20 e 35 anos, todos com escolaridade em nível superior. Os sujeitos deveriam ouvir a entrevista e pontuar onde julgavam ser os finais de frases, dispensando quanto tempo achassem necessário para fazer as marcações.

Os sujeitos fizeram marcas de finalização em 33 pontos da transcrição. Em apenas 3 pontos houve unanimidade. Com base nos dados apresentados pela rotina, estabelecemos, justamente, as duas variáveis que fazem referência ao tom descendente da última sílaba: tom grave em sílaba tônica final e tom grave em sílaba final. A comparação foi feita entre essas variáveis e a quantidade de marcas feitas pelos sujeitos em cada posição. Nem sempre a seleção dos lugares para as marcas de finalização esteve de acordo com o tom descendente da sílaba tônica ou da última sílaba. A correlação encontrada foi de $r^2 = 0,2836$, ou seja, fraca.

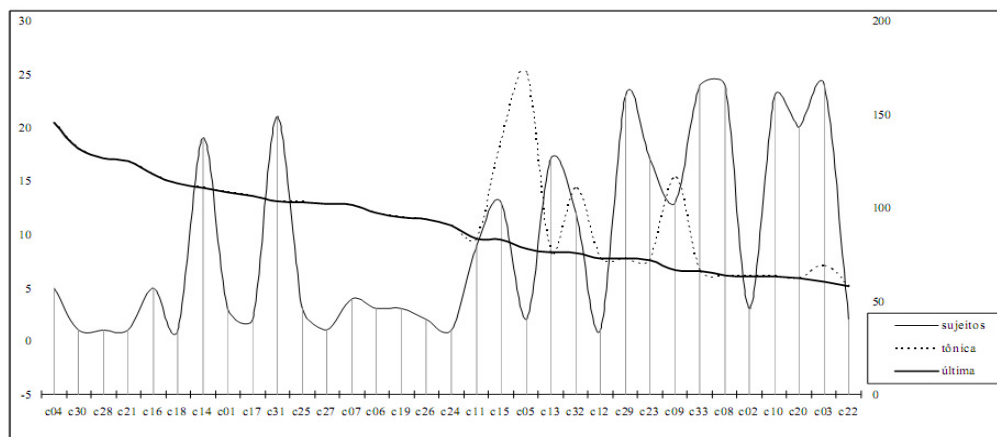


Figura 2. Gráfico de Correlação.

No gráfico podemos observar que a tendência linear de crescimento do número de marcas (linha contínua com marcação vertical do eixo x) não possui correlação forte

em relação às frequências mais baixas da sílaba tônica (linha pontilhada descendente) e da última sílaba (linha contínua descendente).

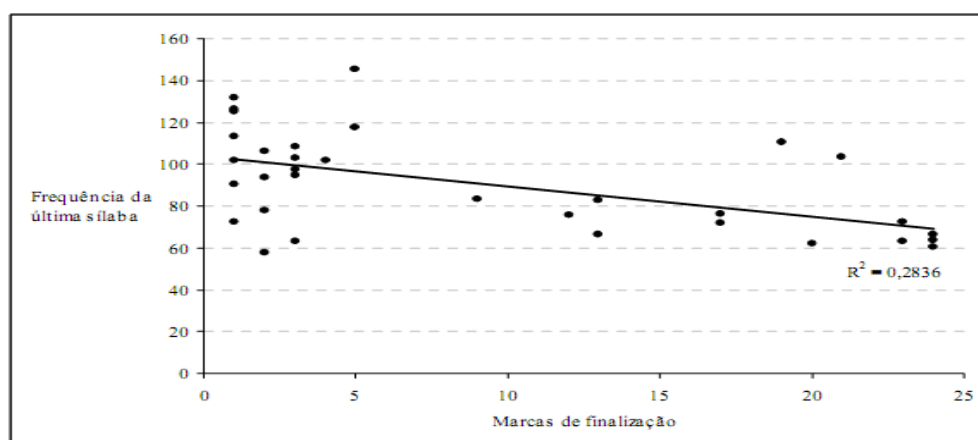


Figura 3. Gráfico de Dispersão.

O gráfico de dispersão, comparando o número de marcas com a frequência da sílaba final mostra claramente essa relação.

3. Discussão dos resultados

Esses resultados apontam, primeiro, para o fato de que tonicidade da sílaba final com tom baixo, pelo menos para os casos analisados, não foi o fator preponderante para o reconhecimento da finalização das frases. Dessa maneira, entendemos que o trabalho deva buscar outras pistas que possam ter sido utilizadas pelos ouvintes para essa localização de finais de frase.

Referências

- Ferreiar Netto, W (2006). Variação de frequência e constituição da prosódia da língua portuguesa. Tese de Livre-Docência, USP.
- Cagliari, Luiz C (1981). Elementos de fonética do português brasileiro. São Paulo: Paulistana.
- T'Hart, Johan (1981). Differential sensitivity to pitch distance, particularly in speech. Journal of Acoustical Society of America.